

O DICIONÁRIO DE DESAPARECIMENTOS

*As palavras abandonam-nos, há alturas
em que as palavras nos abandonam. Até elas...
E o que havemos nós de fazer então... até que elas voltem?*
Samuel Beckett

*Ser lealmente DESTE mundo. E não ser deste mundo.
Com amor e alegria e também o inevitável sofrimento,
com devoção e sem ilusões*
Mira Schendel

Você não sabe fazer falta afirma, como título, a permanência do desaparecido que implica a presença do caráter antitético em toda a investigação artística de João Oliveira. O invisível existente é a sua obsessão. De maneiras muito variadas, sua pesquisa se vincula ao ato de des-velar¹, mostrando seu recorrente interesse pelas palavras, pelas imagens, pela ideia de tradução, pela narrativa, pelo discurso amoroso (ou o amor como ênfase), pela perda e pelo lúgubre. Esses são os primeiros vocábulos com os quais se sugere começar a ler o dicionário de desaparecimentos de Oliveira.

Palavra e imagem são como uma casa geminada: o que as mantém e as distingue é a sua parede comum. Partilham historicamente uma relação dual entre significante e significado e se diferenciam pela sua própria natureza. A palavra jamais é uma legenda da imagem, assim como esta não se oferece ilustrativamente para um texto. João Oliveira não se ocupa de desfazer as plicas, justificando suas ações. Ao contrário, ele constrói ainda mais dobras a fim de transferir o ponto de sua percepção de um objeto a outro, de uma materialidade a outra, de uma vida a outra, de um ferimento a outro, de uma língua para outra. O artista escolhe desaparecer com todas as coisas com o propósito de as des-velar: primeiro com o mundo e suas as materialidades e, depois, consigo. Jamais como fim. Igual a Robert Rauschenberg (1925-2008) quando apagou um desenho de Willem de Kooning (1904-1997) em 1953, intitulando-o Erased de Kooning Drawing. O desenho, imagem desaparecida, continua a ter existência e materialidade porque seu significante sobrevive por nominação: a parede comum. Assim, palavra e imagem têm, simultaneamente, uma acepção dissonante e outra coincidente.

A tradução surge envolvida na ideia da catástrofe. A física, material, e uma tal cuja anterioridade existe sem materialização possível, metafísica; portanto, dois modos de silenciamento inerentes a ação de traduzir. Deve-se considerar que João Oliveira traduz as coisas em movimento porque justamente o que há de enlouquecedoramente atraente no intraduzível é o fato da palavra ou da imagem se calarem quando em trânsito². Essa mudez é como o buraco do tijolo: existe na falta. No plano físico, de fora para dentro, o acabamento, o reboco, o emboço e o chapisco antecedem o tijolo. No metafísico, a cultura, o movimento, a incongruência e a significação são precedentes ao sentido. Em ambos os casos se chega diante do abismo: fisicamente irresolúvel, metafisicamente impossível: *"um objeto que fala da perda, da destruição, do desaparecimento de objetos. Não fala de si. Fala dos outros.*

¹ Tenho como referência a discussão de Giorgio Agamben sobre a poíesis, na qual a presença de algo vem “do não ser ao ser, da ocultação à plena luz da obra”. Portanto, “ser um modo da verdade, entendida como des-velamento ἀ-λήθεια” (Poíesis e Prâxis. Publicado no livro O homem sem conteúdo. Autêntica: Belo Horizonte, 2013)

² Tanto a catástrofe quanto o silêncio físico e metafísico, assim como o itálico se referem às ideias de Anne Carson em Variações no direito de permanecer em silêncio. In: FIALHO, Vinícius. TRADUÇÃO E CATÁSTROFE: exercícios de tradução a partir de “Variações no direito de permanecer em silêncio”, de Anne Carson. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, pp. 11-32. 2022.

³ Anotação de Jasper Johns (1930-) em um seu *Sketchbook* ([n.d.] 1964): CASTLEMAN, Riva. Jasper Johns: a print retrospective. The Museum of Modern Art: New York, 1986.

⁴ CASSIN, Barbara (Coord.). Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias. Volume um: Línguas. Organização Fernando Santoro, Luísa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

*Incluirá também a eles? Dilúvio.*³ Seria o dilúvio o paradoxo da existência inexistência? O que ele faz sucumbir é o mesmo que mantém existente, desaparecidamente intacto. O dilúvio é, também antitético, porque lindo e assombroso na mesma superfície. Como em uma pintura, tudo está ali.

Com esses silêncios entre os dentes João mergulha no intraduzível: “o que não cessa de (não) traduzir”. Daí seu vício de transitar por diversas línguas sem as quais nenhuma de suas operações artísticas seria possível. Como em qualquer idioma, os termos do seu dicionário de desaparecimentos são interdependentes. É o caso da narrativa, do discurso amoroso e da perda. Toda narrativa é composta de um discurso e todo amor pressupõe a perda, condição própria de sua discursividade e narração. Narrar, em Oliveira, é uma proposição de afastamento. Apenas de longe se pode enxergar a vista do penhasco sem nele cair. O amor, antes de ser lido como antítese entre alegria e dor, é um estar-em-si. Embora prenhe das condições culturais inevitáveis que modelam as formas de amar, com todas as suas violências, o interesse de João Oliveira recai sobre a imagem do discurso amoroso e o linguajar inaugurado por este, nela. Em todas as experiências vividas, a perda é sempre um resultado sabido e distanciado pelo paradigma romântico da eternidade, no caso do amor; e expulso do pensamento, do corpo e da fala cotidiana, em relação à morte.

A impossibilidade se mostra como a única ferramenta disponível para o artista talhar o real, fazendo-o permanecer impronunciável. Ao longo de pouco mais de uma década, o trabalho artístico de João Oliveira tem acumulado intraduzíveis: do retrato do grupo escolar cujos afetos, ficções e violências se interconectam como uma crítica à ode ao aprazível da convivência em *transmitir-se* (2011); nas fusões animais entre humanos e não-humanos com seus brinquedos e padrões produzidos em gravuras em *os sentimentos vastos não têm nome* (2011), *coma meu coração enquanto é tempo* (2012), *das delícias* (2014); no preenchimento lacuna dos espaços que o corpo não ocupa mas sente em todos os seus *4 últimos atos de orgulho* (2016); na passagem do tempo marcada pela repetição constante até o esgotamento da imagem em *é na superfície que o real se trai* (2019); nos animais colecionados, derretidos e gravados sobre papel como uma ação maldizente de uma selvageria justificada em *pequenos divertimentos: eu vou te amar, abraçar, apertar, até você ficar em pedacinhos* (2019); às folhas de carbono cuja molécula constitui seu próprio corpo e dão a ver a partitura de um *scherzo* desaparecido em *tudo que desaparece existe com perseverança* (2023)⁵.

⁵ Todos esses trabalhos podem ser vistos no seu site <https://www.joaogravador.com/>. Apesar da presença animal e dos jogos infantis também se mostrarem como uma tônica na poética de João Oliveira, a curadoria dessa exposição ocupou-se de trabalhos inéditos nos quais esses aspectos não são proeminentes. Por esse motivo não realizo, aqui, uma análise acerca desses aspectos.

Considerando-se a permanência como a ênfase do desaparecimento, retorno à questão da morte para tratar do lúgubre como a última palavra grafada nessa individual do artista, Você não sabe fazer falta. Seu dicionário de desaparecimentos é como um cemitério, esse lugar que marca a existência do perdido, do morto. E toda morte ainda é vida em quem ainda perambula pelos campos da socialidade porque a morte para João, não é a falta, mas a indistinção. Um tal que produz a presença sem pedir licença porque como o próprio artista me disse: *aquilo que persiste faz o que uma presença faz de melhor: não desaparece. Não desaparece porque continua incógnito.*